

# IMPERÍCIA NA PERÍCIA

# O erro que pôs uma família sob suspeita



Após perder Hartmann e Ivany (no alto, com um neto), os filhos (ao lado, com o pai e uma neta dele) travaram uma batalha que, diz Cicero (acima), resgatou o nome da família

CARLOS ETCHICHURY

**C**omo de costume, Cirio Hartmann e Ivany Therezinha Hartmann deixaram os vidros fechados e as venezianas abertas quando saíram para jantar, na Praia da Barra, em Garopaba. Duas horas depois, ao retornar, o casal gaúcho foi surpreendido por dois homens. Um deles, armado, mantinha-se a 40 centímetros de Hartmann – o suficiente para escapar de uma investida da vítima, um homem de 1m82cm, mas próximo o bastante para um disparo fatal. Ivany viu um “comportamento arrogante” no criminoso. Outro jovem seguia afastado, arma em punho.

– O que vocês querem? A casa está aberta, o carro está ali – chegou a dizer Ivany.

Em tom de brincadeira, enquanto retirava

lentamente a mão do bolso para entregar a chave do veículo, Hartmann perguntou:

– Vocês querem me matar?

Então um dos rapazes disparou.

Procurador aposentado, Hartmann morreu em 11 de dezembro de 2004. Essa é a parte conhecida da história. Mas o drama da família não terminou ali. Prolongou-se por sete anos, por causa de um erro do Instituto de Criminalística de Santa Catarina.

Na polícia, Ivany contou os detalhes do crime. Procuradora aposentada e advogada como o marido, ela revelou algo aparentemente desimportante aos investigadores: que o marido mantinha uma arma em casa, em Porto Alegre, a 400 quilômetros de distância do local do assassinato.

Embora permanecesse aberta a ferida da perda do companheiro, Ivany estava confiante. A esperança começou a se transformar em sofrimento quando o advogado do

Alexandre, o mais moço, Ivany juntava forças para superar a perda do companheiro com quem viveu por 47 anos. Encontrou energia para ajudar a fundar a ONG Chega, de luta contra a violência.

## Tiro veio de arma da família, diz laudo

Em março veio o primeiro sinal de que a Justiça estava sendo feita. No presídio de Imbituba, ao deparar com sete suspeitos apresentados pela polícia, Ivany apontou Fábio Vianna como um dos assassinos.

Embora permanecesse aberta a ferida da perda do companheiro, Ivany estava confiante. A esperança começou a se transformar em sofrimento quando o advogado do

suspeito pediu à Justiça a realização de uma perícia no revólver de Hartmann. Guardada no quarto do casal, em Porto Alegre, o Rossi calibre 38 foi entregue em junho de 2005.

Aos poucos, amparada pelos filhos, netos e amigos, Ivany rompia o luto. Enquanto peritos manuseavam a arma de Hartmann, em Santa Catarina, ela submetia-se a uma pequena intervenção cirúrgica. No dia seguinte ao procedimento, sofreu uma parada cardíaca e morreu.

Às 8h45min de 27 de julho, um chamado surpreendeu Cicero. Do outro lado da linha, o delegado responsável pelo caso:

– Doutor Cicero, saiu o resultado da perícia. Deu positivo. A arma do seu pai foi utilizada para matá-lo – falou Aníbal Geremia.

Com a única testemunha morta, e um exame técnico assinado pela perita Sidneia

Mansanari e Mariângela Ribeiro lançando suspeitas sobre a família, Cicero viu-se diante de um pesadelo.

– Naquela noite, eu me abracei na minha mulher e chorei.

De um dia para outro, a história de vida dos pais, motivo de orgulho para os três filhos, era colocada sob suspeita por uma prova que ele sabia estar errada.

– O revólver nunca saía de casa. Era impossível que tivesse sido utilizado – recorda.

Quando o resultado da perícia tornou-se público, eles passaram a conviver com fúxiros. Sabiam que pessoas lançavam dúvidas sobre a família. A luta pela condenação do suspeito, identificado por Ivany, tornara-se secundária. Os Hartmann engajaram-se em outra jornada: resgatar a integridade.

O advogado Jader Marques, contratado

pela família, iniciou uma batalha judicial. Com o laudo, solicitou que o perito Domingos Tocchetto analisasse o material. Em um parecer, Tocchetto alertou para imprecisões no trabalho das peritas. Disse ser impossível afirmar que o projétil partira do 38 de Hartmann. Diante dos indícios técnicos produzidos pelo IGP de Santa Catarina, supostamente irrefutáveis, Fábio Vianna da Silveira, único réu, não poderia ir a júri.

– Como podíamos participar de um movimento pela paz se havia uma perícia que lançava suspeitas sobre nós? – diz Cicero.

Em março, após decisão do TJ, a história mudou. A Justiça catarinense decidiu por nova perícia. Os testes, dos órgãos oficiais de São Paulo e Paraná, confirmaram o que Cicero e Stella sabiam: “...podemos concluir que o projétil incriminado NÃO foi disparado pelo cano do revólver questionado...”.

O próximo passo na saga dos Hartmann é aguardar pelo júri do único réu no processo, no dia 16 de março.

– Espero que ele seja condenado, porque minha mãe o reconheceu. Mas o mais importante foi resgatar o nome dos nossos pais e da nossa família – conclui Cicero.

carlos.etchichury@zerohora.com.br

## REVIRAVOLTA NO CASO HARTMANN



2004

• Cirio Clemente Hartmann, 69 anos, é assassinado em 11 de dezembro de 2004, na casa de veraneio em Garopaba. Ele foi atacado ao chegar com a mulher, Ivany Therezinha Assmann Hartmann, 63 anos, depois de um jantar (ao lado, o casal, em foto antiga). Conforme relato de Ivany, dois homens surgiram no pátio. Hartmann teria oferecido seu veículo. A dupla atingiu no coração. A dupla fugiu.

2005

• Em março, Fábio Vianna da Silveira, 25 anos, é preso em Balneário Camboriú. Denunciado por outro assalto em Garopaba, na véspera do assassinato, ele é reconhecido pela viúva. Em junho, Ivany tem uma parada cardíaca e morre em Porto Alegre. Era a única testemunha do caso.

• Em julho, a perícia conclui que um revólver 38 que

Hartmann mantinha em Porto Alegre foi a arma utilizada no crime. O MP descarta a participação de Fábio Vianna da Silveira. No mês seguinte, um parecer técnico do perito Domingos Tocchetto, contratado pela família, alerta para a existência de erro de interpretação na perícia. A juíza Eliane Alfredo Cardoso Luiz, de Garopaba, retira a perícia particular do processo e deixa Silveira livre do julgamento pelo júri.

A partir de agosto de 2005

• A família Hartmann luta na Justiça pelo direito de ser realizada uma nova análise na arma. Por causa da retirada da perícia particular dos autos, o Tribunal de Justiça catarinense decide anular o processo, o que permite solicitar um novo exame ao próprio Instituto de Perícias de Santa Catarina. A instituição mantém sua conclusão anterior, sem fazer nova análise.

2011

• Em 15 de março, o TJSC decide que nova perícia deve ser realizada. O Instituto de Criminalística do Paraná faz a análise e diz que a arma da família Hartmann não foi a mesma empregada no crime. Como a perícia, por ordem do TJ, deveria ser realizada em São Paulo, um novo laudo é solicitado. O resultado paulista, anunciado em 26 de setembro, é

idêntico ao do Paraná.

• Com a credibilidade do Instituto-geral de Perícia de Santa Catarina abalada, o diretor-geral do órgão, Rodrigo Tasso, afirma que uma sindicância será aberta para investigar onde ocorreu a falha. As peritas, diz, poderão ser punidas por desíplicência. Nos últimos três meses, depois de identificado o erro, o IGP adotou novos procedimentos. Todo projétil pas-

daqui para a frente

## ENTREVISTA

**Sidneia Mansanari**, perita do Instituto de Criminalística de Santa Catarina

## As explicações de uma perita

Sidneia Mansanari, uma das peritas responsáveis pelo laudo que diz que Cirio Hartmann foi morto com a sua própria arma, falou sobre o caso.

O que justifica os resultados opostos nas perícias?

**Sidneia Mansanari** – Avaliamos a peça, com a equipe de São Paulo, e retificamos o resultado porque não há elementos de confronto positivo (o projétil que matou Hartmann não saiu da arma dele). É a primeira vez que aconteceu isso. O que nos leva a pensar no tempo entre os exames. Praticamente sete anos. No momento da realização do exame, a gente via elementos que davam positividade. Hoje, esses elementos realmente não eram positivos. Esse projétil não tem mais os microestriamentos.

Por que não tem mais?

**Sidneia** – Pelo tempo, pode oxidar. O próprio protocolo de lacração das peças é questionável.

Qual protocolo é questionável?

**Sidneia** – Ele (o projétil) sai do insti-  
tuto, vai para o fórum, para a delegacia de polícia. No meio do caminho, alguma coisa pode acontecer. Pode acontecer.

Existem três perícias oficiais, feitas com os mesmos elementos...

**Sidneia** – Alguém te deu essa garantia? A gente não pode ser ingênuo.

O Estado de Santa Catarina não resguarda os indícios de um crime?

**Sidneia** – É o que eu estou te falando. Mais do que isso, não sei.

Pode ter havido erro na perícia?

**Sidneia** – Claro que pode ter havido, sempre existe essa possibilidade.

Como avalia o episódio?

**Sidneia** – É traumático. Quando você procura fazer um trabalho técnico, científico, em prol do cidadão, não quer incriminar nem X, nem Y. Você só quer ser justo.

**diario.com.br**

Em vídeo, perita de criminalística explica como funciona o teste de balística e comenta resultado apresentado no caso Hartmann